

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então assim, eu ouvia falar que a Cida, eu tinha uma ligação muito grande com esse setor de reforma. Então assim, a Cida, as notícias que ela era uma pessoa de luta, de muita luta, sabe? E eu, quando encontrava com ela aqui em Belo Horizonte, na Fetaemg, eu ouvia ela falar, os relatos que ela fazia, então assim, eu tinha muita identidade com aquilo que ela falava. Aí eu pedi a Fetaemg pra eu ir pro noroeste de Minas, pra eu ir pra lá, pra eu ajudar na luta pela reforma agrária. Quando eu cheguei no noroeste de Minas, só tinha esse tipo de luta lá em Unaí. Tinham algumas resistências em Arinos, em Bonfinópolis. Aí, vou te falar uma coisa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O polo era Unaí, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O polo da luta?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Da luta.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: De mobilização.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas como é que era essa luta? Como é que era essa luta naquela época? Essa luta era assim: os parceiros agrícolas, os parceiros agrícolas, resistiram a terra como posseiro, eles resistiam como posseiro. Então eu cheguei, peguei o estatuto da terra, fui ler o estatuto da terra, e eu descobri umas coisas no estatuto da terra que eu não sabia, estudei muito o estatuto da terra, fiquei uns quatro meses só estudando o estatuto da terra. E aí, eu vou te falar uma coisa assim que, é muito pouquinha gente que sabe, mas é muito pouca. Talvez, no máximo, umas três pessoas, quatro. Eu criei um método de organização dos Sem Terra fora da terra. O método, fui eu mesmo, para organizar os trabalhadores na luta pela terra fora da terra. Quando eu cheguei lá, a luta era dentro da terra. Mas com método, assim, diferente daquilo que eu fiz.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas em relação àqueles que foram expulsos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aquele método que existe ali, eu tô questionando ele? Não. Eu tô dizendo que eu criei outro método diferente, aí eu e a Cida tivemos divergência, porque na cabeça dela, ela achava que aquilo não tinha jeito de você lutar fora da terra, não tinha jeito de você fazer isso. Falei: “Calma, vamos testar, vamos ver se dá certo”, mas ela não aceitava de jeito nenhum. Aí ela sugeriu pra eu fazer essa coisa, mas em outras cidades e

eu não fiquei em Unaí, eu fui para João Pinheiro, fixei residência em João Pinheiro e fui conversar com alguns diretores de sindicato e teve um, em João Pinheiro, que a gente conversando, ele achava que a coisa mais importante de luta sindical deveria fazer era a luta pela terra.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas como seria esse método fora da terra?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Esse método fora da terra que eu criei foi assim, você pegava um município, fazia um zoneamento do município, regionalização do próprio município, cada local desse eu fazia reuniões, tirava comissão do trabalhador, discutia com eles a reforma agrária e vamos pressionar os órgãos públicos pra fazer a desapropriação. Vamos pressionar os órgãos públicos para fazer a vistoria, vamos pressionar os órgãos públicos para dar celeridade à vistoria e tal, quem criou fui eu mesmo. Sabe? Mas os posseiros de Unaí, que resistiram à terra, a maior parte deles conseguiram ficar na terra e transformar em assentamento. Mas para você ter ideia, isso foi em 85, 86, mais ou menos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tanto que a Cida fazia as caravanas pra Brasília.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas pra você ter ideia, até hoje lá tem uma área lá que chama Tabocas, que não foi resolvido até hoje.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. A gente encontrou documentação. Tabocas.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, não foi resolvido.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então o senhor estava em João Pinheiro, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, passei a organizar, onde já tinha posseiro, continuar a luta, juntar isso dos trabalhadores fora da terra com mais os trabalhadores dentro da terra pra gente fazer uma luta só. (Trecho Incompreensível), Fazenda Menino lá em Arinos e tal. E você pode ter certeza que no mínimo, não sei, faz tempo que saí do noroeste de Minas, mas quando eu saí de lá, essa luta, esse modelo de luta pela terra fora da terra já estava implantado em todos os municípios aonde tinha sindicato do trabalhador rural. Todos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em qual época que você estava nessa região, exatamente? Os anos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu fiquei lá eu acho que foi de 85, foi de 85 a 92.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E qual sua percepção sobre o ano de 85, que muitos consideram como o fim da ditadura, em relação aos conflitos de terra? Ou em relação à mobilização de trabalhadores rurais, ou a sua, sejam dificuldades ou desafios para a sua atuação na Fetaemg.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Só uma questão antes de chegar nisso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sim, claro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tem um detalhe aí, tem alguns detalhes que eu acho que eles são importantes do ponto de vista do envolvimento da polícia nos conflitos agrários.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sim, vamos então detalhar esses conflitos, situações e depois...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Por exemplo, na cidade de Arinos tinha um delegado de polícia que se envolvia demais no conflito lá da Fazenda Menino. Delegado de polícia que envolvia demais com isso lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você se lembra o nome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Márcio. Márcio Carence. Ele se envolvia demais nos conflitos lá para expulsar posseiro, pra fazer essas coisas. Aí nós fizemos, juntamos o povo e fomos lá na delegacia de polícia ter uma conversa com ele. Vou te falar uma coisa. Foi uma conversa franca. Nem fui eu que fiz, preparei os trabalhadores, quem preparou fui eu mesmo. Preparei os trabalhadores pra conversar com ele, e ele não se envolveu mais depois dessa conversa, ele parou, sabe? Os trabalhadores deram uma, falaram que iam denunciar ele. Falei: "Primeiro vamos conversar com ele", porque eu sempre acreditei muito no diálogo, só que tem gente que não quer diálogo não. Segunda coisa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele atuava então junto aos fazendeiros na expulsão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, no caso da Fazenda do Menino, lá é uma disputa de posseiro com posseiro, lá é muito grande. Então os posseiros pressionavam os posseiros pra sair, pra ceder o lugar pra outros, entendeu? Isso aconteceu, por causa disso que nós tivemos essa discussão com ele. Segunda...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas no caso qual é o interesse desse delegado?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Interferir ali...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Eu suponho, eu, pra mim que tô longe, a gente fica desconfiado de muita coisa, né? Eu suponho que da parte dele talvez ele queria, como delegado, resolver o conflito, no método que ele achava para resolver o conflito era dessa maneira.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É tanto que lá, vários foram assassinados lá, sabe? Vários posseiros foram assassinados. Vários.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor conheceu o Eloy?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Conheci.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: No caso? O filho dele, Paulo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Conheço.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele relatou inclusive depois da morte do pai houve várias ameaças contra ele, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Paulo?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Contra o Paulo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas outras questões relacionadas, por exemplo, envolvimento de polícia nos conflitos agrários lá do noroeste de Minas, eu vou falar assim, uma coisa que eu não conheci. Eu não conheci nenhum assentamento de reforma agrária que não teve polícia no meio. Eles se metem mesmo. Eles se metem mesmo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em que sentido?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que existe uma orientação, uma orientação de conduta militar para proteção patrimonial, principalmente dos grandes, porque quando é o fazendeiro ou latifundiário que tá grilando a terra do posseiro, a conduta militar ela é diferente. O militar não vai ao local quando é o fazendeiro que tá tomando terra do posseiro. Nenhuma vez, como exceção, eles fizeram isso. Inclusive teve uma vez, por exemplo, onde hoje lá é uma

região chamada Mandiocal, na cidade de, anteriormente era Bonfinópolis, um tal de Rufino, num dia de Sexta-feira da Paixão, foi lá na beira de uma posse dos posseiros lá, num leito de uma vereda, umas 6 casas, o cara chegou lá com um bando de jagunço, cortou os esteios das casas, (Trecho Incompreensível) e botou fogo em várias. Aí nós chamamos o comandante militar, que ficava lá em João Pinheiro, Djalma, pra ele ir pra lá conosco para nos ajudar a resolver aquilo. E ele prontamente, ele, prontamente pegou o pessoal e ligou, depois que estava tudo arrumado dentro da viatura, ele ligou pro comando avisando que ele ia pra lá pra evitar uma tragédia maior, e ele não pôde ir, porque o comando não aceitou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Djalma, ele trabalhava exatamente onde?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele ficava em João Pinheiro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: João Pinheiro. Ele tentou ir para interferir, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra ver o que tinha acontecido...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual a atuação dos policiais, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, um grupo de policiais.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E ele foi impedido por ordem expressa?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, se a ordem foi expressa ou não eu não sei, mas que teve ordem de não ir, teve. É tanto que ele não foi. As coisas, as armas dos militares já estavam tudo dentro da viatura, que eles iam deslocar pra lá pra ver o que tinha acontecido. Tinha gente machucada, um monte de coisa tinha acontecido.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele ia levar policiais para averiguar o que aconteceu.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Para averiguar o que aconteceu, para fazer boletim de ocorrência, essas coisas. E aí ele não pôde ir. Eu, a Sônia e o Sebastião...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A Sônia da Fetaemg.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Eu e a Sônia nós fomos casados. Eu conheci ela dentro do movimento sindical, e depois nos separamos, mas é uma pessoa que eu respeito muito. Não é por causa da separação que a gente deixa de respeitar a pessoa. Pessoa de luta, bom caráter.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então estava você, a Sônia...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, e o Sebastião Neves.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sebastião Neves.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Estávamos dentro do carro, na porta do quartel, para ir junto com a polícia. Nós tínhamos recebido os telefonemas dos trabalhadores. Hoje lá é Natalândia. Inclusive agora, esse fim de semana que passou, que teve Agriminas, tinha uma moça do Mandiocal lá, aí eu falei pra ela desse acontecimento lá, tinham mais outras duas pessoas com ela, mas a moça que mora lá no Mandiocal ela não lembra que isso aconteceu lá. Ela mora lá no Mandiocal hoje. Então assim, só que a gente, quando eu falo assim que eu nunca vi um assentamento sem envolvimento de polícia, é sem exceção.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Só para localizar no tempo, essa situação, ela ocorreu mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Essa do...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mandiocal.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Do Mandiocal deve ter sido em 87. 87, mais ou menos. 88. Por aí. 87, 88. Agora, outras coisas assim que acho complicadas para a comissão da verdade, é que grande parte desses assassinatos que aconteceram, por exemplo, quase todos os posseiros que foram assassinados, que eu conheci, eles reclamavam, eles davam queixas, falavam que estavam sendo ameaçados. A polícia sabia quem. A polícia sabia quem. Aí ninguém vai preso. O pai da Cida, conheci o pai da Cida, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você conheceu outros também que foram assassinados?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Conheci outros.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você se lembra agora?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Me lembro do Natal. Natal, o irmão dele foi assassinado dentro da Fazenda Carvão, lá em Arinos. Eu conheci um cearense...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Natal e o irmão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Os dois eram irmãos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual o nome?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O irmão não lembro. Mas era lá na Fazenda Menino.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Natal.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, o Natal e o irmão dele. Parece que o cara que assassinou é um tal de Alfredo. Pra você ter ideia, eu fui lá fazer uma reunião com o Natal, porque ele estava reclamando da dificuldade que estava acontecendo com ele, das ameaças que ele estava sofrendo, falei: “Ó, Natal, pensa aí a possibilidade de você ir embora. Larga isso aí e vai embora, porque realmente você tá correndo muito risco”. Estava eu, a Lia e o Otacílio, nós fomos para lá reunir com eles pra discutir aquela situação. Dava pra perceber que se eles não saíssem, eles iam ser assassinados, sabe? “Larga isso. Porque matar o cara, você não vai querer matar. Morrer, você não vai querer morrer. Então larga isso. Vai embora. Escuta bem o que é que eu vou te falar, porque eu vou te falar uma coisa”, de medo, de novo. Na hora que eu saí de lá da fazenda Menino, eu passei num boteco, tipo boteco, mercearia, essas coisas do interior. O cara que estava ameaçando eles estava lá dentro. Eu fingi que eu sabia quem era ele, fiz de conta que eu queria comprar um litro de álcool pra pôr no carro, que eu estava com medo do álcool do carro acabar. Aí eu entrei lá, perguntei se tinha álcool, ele falou que não. Quando eu ia saindo, eu escutei uma voz: “Ô Rômulo”, continuei andando. “Ei, Rômulo, tô te chamando, vem cá”. Olhei pra trás e era ele. Ele vestindo uma blusa grande, tipo um blazer, sabe? E eu olhei assim e falei: “Putaquepariu! Eu vou ser assassinado agora, ô meu Deus. E agora?”, “De onde você tá vindo, Rômulo? Eu estava aqui te esperando, que eu achei que você ia passar aqui, porque quase todo mundo que sai daí passa aqui. Eu estava aqui te esperando. Você tá vindo de onde?”, eu falei: “Você sabe de onde é que eu tô vindo?”, “Não, não sei não. De onde?”. Falei: “Lá da casa do Natal. Lá da casa do Natal. Estava reunido com ele lá, com o irmão dele, eles falando o que estava acontecendo com vocês. Deixa eu te pedir uma coisa? Posso?”. Aí ele falou assim: “É, rapaz, eu achei que você ia mentir. Achei que você não ia falar que você estava lá, mas eu sabia que você estava lá, viu?”, “Eu sei que você sabia”, “O que é que você tem pra me falar?”, ele falou assim. Falei: “Eu posso te pedir uma coisa? Larga isso! Pra quê vocês ficam brigando desse jeito? Larga isso! Larga isso! Faz um acordo com eles. Se você quiser fazer um acordo, eu ajudo vocês fazer um acordo, mas vocês tem que parar de brigar! Briga não

ajuda. Se vocês continuar brigando de um matar o outro, quem ficar aí não vai ser vitorioso. Vai ter aborrecimento, dor de cabeça, larga isso pra lá. O que eu tenho pra falar com você é isso, foi a mesma coisa que eu falei pra eles. Larga pra lá. Ou então faz um acordo. Um acordo vai ser bom pra eles e vai ser bom pro cê. Se esse conflito aumentar, vai ser ruim para vocês todos”. Passou uns quinze dias, ele matou os dois.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o Alfredo, ele não trabalhava pra alguém? Ele estava envolvido diretamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Todos eles, todos eles não trabalhava pra alguém, todos eles eram posseiros lá da fazenda Menino.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Posseiros. Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Da Fazenda Menino. Então assim...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas como era um conflito que se arrastou ao longo dos anos, a disputa por terra levou a intensificação da violência?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, é. Então assim, no noroeste de Minas eu conheci muitos casos de latifundiário destruindo cercas pra poder grilar terra de posseiro. Mas muitos e muitos casos. A polícia nunca quis fazer 1 boletim de ocorrência. Mas na hora que os Sem Terra se organizam e vai lá ocupar, se eles ficarem sabendo, eles cercam para os Sem Terra nem chegar lá. Então pra mim existe uma orientação do alto comando militar, isso aí não é coisa de um soldado que tá lá embaixo, é do alto comando militar, orienta o seguinte: o grande pode fazer tudo. Agora, quem tá embaixo é que vai se danar. Porque, o que mais eu posso pensar, que seja diferente? E acho que essa metodologia, ela é uma coisa perigosa para toda a sociedade. Porque isso a gente vê, acontece não é só lá no campo, não. Isso acontece no setor urbano, a mesma coisa. Então todos nós corremos algum risco, dentro disso parece que foi uma organização criada com esse fim, de proteção patrimonial, sabe? E quanto maior o patrimônio, maior a proteção. Então pra mim, eu vejo...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sobre essas situações de policiais, o senhor gostaria de detalhar outras situações específicas, outros exemplos...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu vou te falar só uma coisa que a polícia fez e que eu acho positivo, eu acho positivo. Porque até a gente criar esse método, esse método de luta



fora da terra, o envolvimento dos policiais, pelo menos que a gente tinha notícia, o envolvimento militar era muito contundente, era muito duro. Ele era muito repressivo, sabe, com os posseiros. Esse método, (Trecho Incompreensível), então assim, “Você não tá fazendo essa coisa de novo, né?”, do grande patrimônio. Existe um conflito, mas ele não se coloca lá dentro do espaço, ele se coloca com o governo. Eu vou te falar uma coisa que eu acho positiva. Esse militar que pegou as coisas dele pra ir junto conosco, ele virou comandante, ele chama Djalma.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você lembra o sobrenome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Só conheci ele como Djalma. Ele era tenente, depois virou capitão. Eu não sei, quando sobe a patente eu não sei o nome como é. Ele foi para Paracatu. Paracatu. E ele aumentou a região de abrangência dele de comando. E ele, ele foi uma pessoa que eu reconheço, foi uma pessoa moderada, que ajudou a criar um método diferente de relação dos militares conosco, que lutávamos. E eu percebi que ele, com muita sinceridade eu tô falando, eu percebi que era uma pessoa num outro nível de compreensão. Muitos conflitos no noroeste de Minas não aconteceram de uma forma mais contundente porque ele mesmo teve paciência, teve sabedoria, soube se conduzir em conversa conosco, em conversa com a Sônia. Chegou ao ponto de ele um dia ir lá na minha casa, quando eu a Sônia ainda era casado, a gente morava em João Pinheiro, ele ia lá e fazia reunião conosco pra poder discutir conflitos que estava com muita dificuldade, corria risco de se transformar em assassinatos e mais assassinatos. Então assim...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele tinha uma postura de diálogo...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tinha.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...invés da repressão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tinha. Tinha. Tinha uma postura de diálogo, e ele ajudou muito. E eu até gostaria muito, nessa altura da minha vida, eu com 61 anos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele era mais velho na época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Era. Eu gostaria de encontrar com ele, poder dar um presente pra ele, sabe? Hoje ele deve estar aposentado. Era uma pessoa que se conduzia com dignidade, sabe? É uma pena, né, pessoas como essas não recebe prêmio, não recebe

medalha, não recebe nada. A pessoa, ele, realmente ele teve atitude diferenciada. E teve algumas pessoas também, da P2, que seguia a gente, chegava e avisava, se identificava como P2. Pra você ter ideia, é claro que isso faz parte da metodologia do comando, “Se você ver que tá precisando de alguma coisa, tem meu telefone aqui”. Nunca chamei nenhum deles, nunca chamei. E tinha um, que acho que é Marçal, eu não tenho certeza não, foi Marçal o nome dele. Um casinho que eu acho que é importante. Ele sempre chegava: “Ou, Rômulo, como é que cê tá fazendo isso?”, eu falava pra ele. “Como é que cê tá fazendo aquilo outro?”, falava. “Como é que cê tá fazendo aquilo outro?”. “Pois é. Você deveria cuidar de tal coisa, assim, assim, em tal lugar”, falava pra provocar, né? Mas falava assim, não era pra provocar para irritar eles, não é isso. É pra provocar num tom de brincadeira, de colaboração, de boa compreensão. E um dia eu criei um questionário para os trabalhadores fazerem levantamentos pra gente fazer um mapeamento dos imóveis com maiores condições de desapropriar. Então eu criei uma tabela cheia de número, cheia de dados pra eles levantar. Naquela época não existia o computador, a gente fazia tudo era no mimeógrafo.